



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

A IMAGEM NO AUDIOVISUAL : uma análise do curta-metragem “Debaixo do barro, o chão”¹

Rogério Alves da Silva Filho – Universidade Federal do Pará

RESUMO

Este trabalho busca, de maneira breve, realizar uma análise a partir dos estudos de imagem no curta-metragem intitulado “Debaixo do barro, o chão” uma produção do Espaço Cultural e Biblioteca Comunitária Chibé, no distrito de Icoaraci, em Belém. Para isso, usa-se como referência de análise Martine Joly (2007) para entender como as imagens no filme podem revelar uma relação com o território e a dominação da cultura a partir da apropriação dos meios tecnológicos na produção de imagens e narrativas locais.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Audiovisual; Imagem; Amazônia; Cinema.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da tecnologia digital a imagem passa exercer a função antes atribuída a escrita de informar e representar o mundo “O mundo não se apresenta mais enquanto linha, processo, acontecimento, mas enquanto plano, cena, contexto como era o caso na pré-história e como ainda é o caso para iletrados” Flusser (2008, p. 17). Considero válido pensar a imagem não somente como algo representativo, mas, ao mesmo tempo que representa, coloca diante dos nossos olhos algo a ser mostrado, carrega uma informação além do que foi dito, ou seja, um sentido próprio que vai além dos códigos linguísticos configurando o que Boehm (2015) vai chamar de “lógica de mostração”.

Este trabalho busca contribuir com uma breve análise semiótica a partir das imagens e a relação de sentido que elas produzem para o território no curta-metragem “Debaixo do barro, o chão” produzido pelo Espaço Cultural e Biblioteca Comunitária Chibé, que atua como um coletivo de múltiplas linguagens no distrito de Icoaraci, em Belém do Pará. Surgiu com o objetivo de pensar o cinema como uma ferramenta de ativismo e lazer nas periferias, tratando de temas importantes como justiça climática, preservação do território, da cultura, educomunicação, entre outros. Hoje, dialoga com várias áreas da linguagem, como a literatura, música, audiovisual, com o desejo de transformar o lugar onde vivem por meio da cultura, arte e educação.

¹ Trabalho apresentado no GT1 – GT3 – Redes Sociais E Ativismo Midiático da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

Icoaraci é um dos oito distritos que compõem a capital paraense, Belém. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população no local é estimada em 167 mil habitantes. Além da importância histórica e econômica, o distrito também se destaca no ramo do artesanato em cerâmica, com cerca de 80 olarias, tornando-se um importante espaço para a produção artística, artesanal e cultural.

2 METODOLOGIA

Para essa análise, foi escolhido o curta-metragem "Debaixo do barro, o chão" uma produção do Coletivo Chibé, resultado da oficina Cinema em Defesa do Território, realizada em maio de 2024 como parte do projeto Icoaracine. Dirigido por Cris Ferreira, o filme busca explorar, num contexto sócio cultural, a importância da cerâmica produzida no território e o aspecto cultural que ela carrega.

O filme foi produzido pelos jovens moradores de Icoaraci durante os dois dias de oficina. A análise do filme é feita levando em consideração as contribuições de Martine Joly (2007) baseadas em seus escritos em Introdução à Análise da Imagem. Para isso, dividimos, portanto, em três pontos: as imagens do distrito de Icoaraci; a relação entre imagem e imaginação; e a cerâmica como produtora de sentido cultural através de seus desenhos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando falamos em Amazônia, uma das primeiras cenas que nos atravessam é a da floresta, das copas das árvores, ou até mesmo um lugar inabitável que, de um ponto de vista exógeno, precisa ser explorado. Isso ocorre porque, embora a imagem tenha o poder de testemunhar ou tomar algo como real, ela ainda é parte de um recorte da realidade operada por um sujeito com um recorte do mundo visto através de suas vivências, como aponta Flusser (2008, p. 26).

Se considerarmos os lados input e output da imaginação, podemos compreender o significado das imagens. São elas superfícies que fixam e publicam visões da circunstância passadas pelo crivo de um mito. E o fazem ao abstraírem da circunstância a sua profundidade. São elas mapas míticos do mundo. E, enquanto modelos de ação, fazem com que a sociedade se oriente no mundo segundo símbolos míticos, isto é, que haja magicamente.

É sabido que os dispositivos tecnológicos não carregam em si a capacidade de consciência do que visualizam ou capturam, apenas realizam funções que lhes são programadas, Flusser (2008, p. 29), mas segundo a linha de pensamento do autor, podemos entender as imagens técnicas como um espaço de possibilidades que não se trata apenas de verdadeiro ou falso “Os termos” verdade” e “falsidade” passam a designar limites inalcançáveis. A distinção ontológica a ser feita é aquela que se dá entre o mais ou menos provável.” Flusser (2008, p. 30). A partir dessa reflexão, as imagens

técnicas nos instigam a sair da bolha do mundo das certezas e nos mostram um universo de possibilidades. Isso rompe com a lógica de buscar nas imagens uma certeza ou uma verdade absoluta. Em vez disso, elas apontam para aquilo que é provável e possível: “Imagens técnicas são, pois, produtos de aparelhos que foram inventados com o propósito de informar, mas que acabam produzindo situações previsíveis, prováveis” Flusser (2008, p. 33 e 34).

Contribuindo com o pensamento, nessa perspectiva da criação de mundos possíveis, Oliveira e Brito (2021) apontam em seu trabalho para uma cosmopoética do cinema, em outras palavras, o cinema é visto não apenas como um dispositivo técnico capaz de representar o mundo, mas como uma maneira de criar, recriar e reinventar narrativas através dos olhares das pessoas e povos silenciados e marginalizados. discutem em seu trabalho como o cinema pode ser pensado a partir de um olhar decolonial e como essas produções podem contribuir para uma crítica às violências causadas pelo colonialismo. Os autores destacam a importância das produções cinematográficas feitas nas periferias, nas comunidades indígenas e nas escolas. Com o avanço da tecnologia e a popularização do digital, o cinema deixa de ser meramente algo espetacular para se tornar um influenciador de hábitos e formas de consumo. Oliveira e Brito (2021, p.81).

Para Sontag (1997), a imagem possui uma função de testemunho, ela serve para afirmar e confirmar que algo de fato aconteceu, nesse sentido, a imagem possui uma função de veracidade. É importante destacar que a imagem pode ser utilizada também de forma manipulada ou descontextualizada, mas neste trabalho nos atentamos a como ela pode produzir um testemunho e como pode ser utilizada por coletivos para uma manutenção e documentação da cultura, “Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem”. Stong (1997, p. 9). Embora a autora não discuta especificamente a imagem no vídeo, penso que o audiovisual pode ser usado também como documento e que nele pode conter registros importantes de temas a serem discutidos. “O vídeo tem uma função óbvia de registro de dados sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto ele se desenrola.” Bauer e Gaskell, (2008, p.149).

Nesse sentido, o uso dos meios tecnológicos, utilizados como alternativa de resistência no fazer comunicacional e na produção de narrativas e sentidos através das imagens, demonstra uma importância na construção e preservação de uma memória local. A cultura se mantém viva pelas mãos e pelos olhos daqueles que vivem diariamente o território.

O que se produz nas periferias, nas comunidades indígenas, nas escolas, e como e onde os filmes são vistos, são questões que nos induzem a admitir o cinema como um instrumento capaz de afirmar modos diferentes de vida, repensar espaços tradicionais de educação, além de inventar realidades e mundos comuns nos quais as alteridades se encontram e se encenam. OLIVEIRA E BRITO, 2021, p.81.

Como afirma Sontag (1997) “Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento e, portanto, ao poder.” Assim, a imagem se torna um meio de expressão identitária, uma forma de afirmar pertencimento sobre o próprio território.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em Introdução à Análise da Imagem, Joly (2007) propõe pensar o uso do termo imagem na contemporaneidade, além do senso comum. Isso significa que, na visão da autora, pensar a imagem apenas por meio de uma lógica mediática é reduzi-la e, nesse sentido, acaba-se por perder uma função mais contemplativa e profunda. Do mesmo modo, a autora pontua a imagem como algo que nos assemelha, ou seja, ela possui relações que vão além das representações, estando também ligada à imaginação ou à semelhança. “Do mito da caverna à Bíblia, aprendemos que somos nós próprios imagens, seres que se assemelham ao Belo, ao Bem e ao Sagrado” Joly (2007, p.16).

Nesse sentido, além do que é mostrado no aspecto imagético, compreendemos também a construção de sentido por meio da associação e da imaginação de quem assiste. O barro, ao qual o documentário se refere, pode representar a construção territorial e, mais do que isso, dele deriva, nesse caso, a cerâmica, um instrumento vindo da terra, do território, que mantém viva a cultura local, como aponta Joly (2007, p. 20).

A imagem mental corresponde à impressão que temos quando, por exemplo, lemos ou ouvimos a descrição de um lugar, a impressão de o ver quase como se lá estivéssemos. Uma representação mental é elaborada de um modo quase alucinatório e parece pedir emprestadas as suas características à visão. Vê-se.

Assim, para além das imagens capturadas pelas gravações, outras também se mostram interessantes no vídeo. Isso se refere às imagens gravadas nas peças de cerâmica que aparecem ao longo do filme. Elas dizem sem dizer, ou seja, carregam em si mesmas a produção de sentido cultural. Revelam as marcas culturais impressas no barro, que constrói o território e continua, até hoje, a construir a cultura local.

A imagem no curta “Debaixo do barro, o chão” pode ser analisada a partir da perspectiva proposta por Boehm (2015) sobre a episteme da imagem, entendida aqui como a autenticidade na produção de sentido, gerada por sua própria materialidade. Nesse contexto, as imagens mostradas no curta-metragem têm uma função que vai além da simples representação ou imitação, elas permitem a percepção de sentidos interpretados de forma individual, a partir da experiência subjetiva do espectador, mas que dialogam com o meio cultural em que vivem. “Uma episteme da imagem deverá,

portanto, tratar as imagens como grandes soberanas, cuja soberania consiste naquilo que é pressuposto a partir delas próprias, a partir de sua materialidade, naquilo que elas geram de sentido” Boehm (2015), p. 26)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira breve, este trabalho alcançou a expectativa de entender a produção de sentido por meio da captura de imagens no audiovisual produzido pelo coletivo Chibé. Nessa perspectiva, compreende-se como a produção imagética desperta sentidos tanto em quem a produz quanto no espectador. As imagens analisadas aqui significam para além de uma simples representação, são uma construção cultural contada a partir do olhar dos moradores do local.

Referências

- ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2015.
- ANDRADE, Catarina Amorim de Oliveira; ALVES, Álvaro Renan José de Brito. **O cinema como cosmopoética do pensamento decolonial**. Logos, v. 55, p. 80-96, 2020.
- BAUER, Martin W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CASTRO, Edna. **Políticas de Estado e atores sociais na Amazônia contemporânea**. In: BOLLE, W.; CASTRO, E.; VEJMEKA, M. (org.). *Amazônia: Região universal e teatro do mundo*. São Paulo: Globo, 2010. p. 105-122. (pdf).
- CHIBÉ, C. **De baixo do barro, o chão** / IcoaraCine. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=klZQhkBMG1s&t=7s>>. Acesso em: 26 jul. 2025.
- DE COMUNICAÇÃO, E. C. C. I. DE A. **IcoaraCine exhibe produções inéditas e celebra a memória local**. Disponível em: <<https://dol.com.br/entretenimento/cinema/883441/icoaracine-exibe-producoes-ineditas-e-celebra-memoria-local?d=1>>. Acesso em: 29 abr. 2025
- FLUSSER, Vilém; BERNARDO, Gustavo. *O universo das imagens técnicas*. São Paulo, Annablume, 2008.
- JOLY, Martine. **Introdução a análise de imagem**. Lisboa: Ed. 70, 2007.
- SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.